

## A aula em avaliação: uma análise à luz da pedagogia histórico-crítica

**Marisa de Souza Cunha Moreira** <sup>i</sup> 

Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, São Paulo, Brasil

**Andréia Osti** <sup>ii</sup> 

Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, São Paulo, Brasil

### Resumo

Este texto busca analisar a aula enquanto um componente indispensável e que requer avaliação como um dos aspectos para qualificar o ensino escolar na educação básica. Trata-se de um ensaio teórico que analisa qualitativamente o objeto mencionado à luz da pedagogia histórico-crítica e também de pressupostos da psicologia histórico-cultural que possibilitam observar o fenômeno tendo como premissas teóricas promover o máximo desenvolvimento das potencialidades humanas, as quais entendem que a educação escolar pode contribuir efetivamente, por meio do ensino intencional, sistematizado, uma vez que compreende a escola como agente de transformação dos seres humanos, principalmente os filhos da classe trabalhadora. Nesse sentido, discutir elementos centrais e as potencialidades que uma aula possui tornam-se centrais na discussão apresentada.

### Palavras-chave

Ensino. Avaliação do Ensino. Pedagogia Histórico Crítica. Teoria da Atividade.

### The evaluation class: an analysis in the light of historical-critical pedagogy

#### Abstract

This text seeks to analyze the classroom as an indispensable component of teaching which requires evaluation as one of the aspects to qualify school education in the basic education. It is a theoretical essay that qualitatively analyzes the object mentioned in the light of historical-critical pedagogy and also assumptions of historical-cultural psychology that make it possible to observe the phenomenon with the theoretical premises of promoting the maximum development of human potential, which understand that the school education can contribute effectively, through intentional, systematic teaching, since it understands the school as an agent of transformation of human beings, especially those of the children of workers. In this sense, discussing central elements and the potential that a class has become central to the discussion presented.

#### Keywords

Teaching. Teaching Evaluation. Critical Historical Pedagogy. Activity Theory.



## 1 Introdução

Ao se pensar a respeito do ensino escolar e todas as esferas compreendidas pelo processo de ensino em instituições escolares, torna-se imprescindível aos profissionais de educação que tal reflexão esteja assentada em uma base teórica, seja quando a ação de pensamento compreende o todo, quer envolva as partes ou uma parte específica.

Este estudo pretende discutir a avaliação educacional tendo como ponto específico, ou seja, como recorte de análise o quesito aula. Para isso, o ensaio teórico toma como princípio norteador a aula, que transcorre no interior da esfera escolar, como já anunciado neste texto. A opção por discutir a aula no campo da avaliação torna-se pertinente a uma gama de situações e realidades, desde uma configuração que há décadas os brasileiros estão acostumados na Educação Básica: do fato em que a escola, instituição escolar, autorizada a funcionar, composta por uma equipe gestora, que coordena, dirige e está à frente do trabalho pedagógico desenvolvido por professores e professoras e também orienta as atividades dos demais profissionais de educação que atuam na unidade, tendo como finalidade precípua o aprendizado de seus estudantes.

Por se tratar de um ensaio teórico, a análise da temática foi analisada à luz dos princípios teórico-metodológicos do materialismo histórico-dialético, que possibilita a um estudo de cunho teórico e qualitativo, dialogar com elementos teórico-práticos, ainda que o trabalho de natureza empírica não tenha sido realizado para o momento.

A equipe organiza todo o período letivo, de acordo com as diretrizes que estão estabelecidas, distribuindo as turmas de estudantes, de acordo com o ano de escolaridade, em períodos, horários pré-estabelecidos, define os professores que são responsáveis pelas classes de estudantes e aulas para ministrar, seja em um período atípico, semelhante a de um pós-guerra que a sociedade brasileira tem enfrentado no ano de 2020 com o advento da pandemia de coronavírus, que desde o mês de março tem alterado completamente a estrutura da Educação Básica, que antes era presencial e diária e que nos últimos meses sofreu diferentes e profundas mudanças,

sendo apresentada remotamente, com aulas *on-line* ou atividades impressas enviadas aos alunos ou ainda de modo híbrido, sendo parte mediada por tecnologia e outra por atividades encaminhadas de forma assíncrona.

Mesmo em períodos atípicos, que exigem distanciamento ou isolamento social, a escola possui relevância na sociedade em que vivemos a tal ponto de se buscar diferentes estratégias para que as aulas, ainda que em outros formatos, continuem acontecendo, o que leva a destacar a importância das aulas escolares para o tempo presente.

## 2 Avaliar a aula: um ato necessário?

Sabe-se que os estudos no campo da educação, para além de promover um retrato sobre algum cenário, podem suscitar reflexão e também indicativos para se avaliar um processo ou mesmo a concretude vivenciada em uma dada realidade, de modo a propor ou colaborar para se pensar outras ou diferentes vias de possibilidades. Dessa maneira, partindo da premissa de que o estudo traz em seu bojo a potência de contribuir com um olhar mais específico para uma situação, toma-se como ponto de análise a aula.

Discorrer sobre a aula no âmbito da escola de Educação Básica, e na perspectiva aqui assumida, da Pedagogia Histórico-Crítica é considerar que a aula é um evento que ocorre com a presença de fatores fundamentais, que devem ser previstos em um planejamento, a saber: o estudante, a quem a aula se destina, o(a) professor(a) que fará a mediação e o ensino, o conteúdo a ser ensinado/desenvolvido e a forma ou os recursos utilizados no processo. Portanto, a aula é compreendida como um processo de suma importância, principalmente para o público da classe trabalhadora, que em geral, tem a escola como uma organização social e institucionalmente reconhecida como ambiente apropriado para se aprender os conteúdos necessários para o exercício pleno da cidadania e o preparo para o mercado de trabalho, ou nas palavras da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB - Artigo 1º, parágrafo 2º: “A educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social.” (BRASIL, 1996).

Desenvolver um trabalho pedagógico à luz da Pedagogia Histórico-Crítica significa, em outras palavras, ter clareza dos conhecimentos científicos a serem

ensinados e buscar fundamentos na Psicologia Histórico-Cultural para que estes dois campos, o da pedagogia e da psicologia, em aliança, possam contribuir com o processo educacional, de modo a reverberar para a formação plena do estudante. É entendendo a importância da escola, a qual pode impactar positivamente na vida dos indivíduos, que pensar em aspectos como a aula -, momento no qual os seres humanos se relacionam socialmente entre si e o conhecimento, discutem, estudam e têm a possibilidade de refletir sobre temáticas e suas ocorrências e implicações na vida social -, que avaliar como uma aula se desenvolve e se seus objetivos estão claros e são atingidos, torna-se algo relevante no campo educacional. Nesse contexto, a teoria da atividade postulada por Alexis Nikolaevich Leontiev e a Pedagogia Histórico-Crítica formulada por Dermeval Saviani podem instrumentalizar o/a professor/a comprometido com uma educação não hegemônica, ou nas palavras de Saviani (1995), com uma educação escolar que

[...] luta contra a seletividade, a discriminação e o rebaixamento do ensino das camadas populares. Lutar contra a marginalidade através da escola significa engajar-se no esforço para garantir aos trabalhadores um ensino da melhor qualidade possível nas condições históricas atuais (SAVIANI, 1995, p. 42).

No sentido de voltar o olhar para aula, a teoria da atividade pode subsidiar o entendimento para melhor compreensão do processo de ensino-aprendizagem. Mediante essa perspectiva, Leontiev (1980) apresenta contribuições para se pensar o ensino escolar que efetivamente possa trabalhar com conceitos científicos, elementos que na teoria da atividade recebem especial atenção, à medida que discorre sobre atividade e consciência. Assim como Spricigo e Silva (2015) entende-se a atividade como categoria que possibilita a organização do psiquismo humano, por seu caráter promotor de reflexão no desenvolvimento das pessoas.

Considerando essas bases teóricas, ao se elaborar uma aula, torna-se condição essencial que se atente à necessidade de se ter clareza quanto à importância da tomada de consciência como ponto de chegada do percurso didático que será empreendido. Portanto, é fundamental que a atividade consciente esteja inclusa no processo de ensino- aprendizagem, o que requer conhecimento por parte do professor, tanto dos conteúdos científicos a serem desenvolvidos durante a aula, com vistas a se pensar e eleger os melhores encaminhamentos para o processo de



aprendizagem, quanto tendo em vista que não se trata de elencar qualquer atividade ou de se trabalhar com conteúdos meramente espontâneos, mas sim uma atividade apropriada aos objetivos elencados e que efetivamente contribua para a promoção do desenvolvimento do estudante, e conseqüentemente, de uma atividade que realmente proporcione a tomada de consciência, o pensar sobre o objeto e permita realizar um paralelo com a prática social.

Ao que preze na perspectiva exposta, o papel da educação escolar é o de colaborar para que cada ser humano possa compreender o mundo, o que implica em ressaltar que não é qualquer conhecimento que levará a pessoa a uma compreensão da realidade. Segundo Saccomani (2018, p. 99) é função da educação escolar, “promover possibilidades para que o sujeito transforme a estrutura da atividade, pois ressignifica o campo perceptual à medida que este deixa de ser tão somente aquilo que temos ao alcance dos nossos olhos para se tornar um campo simbólico”. A título de exemplificação, se alguém possui uma formação esvaziada de conhecimentos científicos, essa pessoa pode estar à margem de inúmeras circunstâncias, encontrar dificuldades para interagir e agir efetivamente em um situação-problema e ainda em estabelecer relações com outras situações, porque não consegue compreender nem tampouco buscar respostas em diferentes meios, pelo fato de possuir uma formação precária (que não contribuiu para a formação do pensamento científico). Assim, uma formação esvaziada de conteúdos científicos gera uma capacidade prejudicada de percepção, comprometendo a compreensão do todo, percebendo desse modo os fenômenos de modo parcial ou distorcido, fato gerado por um pensamento espontâneo.

Desse modo, à medida que a aula apresenta os conhecimentos científicos e possibilita com que os estudantes possam em uma atividade consciente se apropriar de tais conhecimentos, a educação escolar está imprimindo seu posicionamento. De acordo Mendes, Biancon e Fazan (2019, p. 818) é por meio desses conhecimentos que os estudantes “começam a ter a possibilidade de atuar conscientemente no mundo concreto, pois passam a compreendê-lo em suas inúmeras determinações”. Isto é, cumprindo sua função de possibilitar a apropriação dos conhecimentos desenvolvidos ao longo da humanidade que foram teoricamente elaborados e, conseqüentemente, o desenvolvimento do pensamento para a superação do



pensamento espontâneo para um pensamento científico, potencializando, por conseguinte, a atividade consciente. Leontiev (1980, p. 59-60), ao discutir a questão da consciência e a importância da atividade, afirma que:

[...] o problema principal reside em compreender a consciência como um produto subjetivo, como uma manifestação numa forma diferente das relações essencialmente sociais, que são materializadas pela atividade do homem no mundo objetivo. A atividade não é de forma alguma a simples expressão e o veículo da imagem mental objetivada no seu produto.

O excerto acima possibilita a apreensão de que a atividade não é algo simples, portanto, a aula é um fator que merece concentração de esforços e principalmente um direcionamento objetivo, por meio do planejamento, o qual deve prever inclusive a avaliação, de modo que ao fim da aula ou da sequência proposta pelo plano de ensino, as ações sejam qualificadas, após a análise dos aspectos abordados na aula.

### 3 O planejamento educacional

A avaliação escolar é um componente tão necessário que na lei maior da educação brasileira, a LDB (1996) há mais de vinte menções à avaliação. Saccomani (2018) apresenta o trabalho desenvolvido por Silva, baseado no materialismo histórico-dialético que o planejamento poderia ser compreendido em três esferas: educacional, escolar e de ensino e categorizado respectivamente às seguintes dimensões: universal, particular e singular

O planejamento educacional encontra-se em um nível mais abrangente, pois envolve as políticas educacionais e as diretrizes para o trabalho pedagógico a ser desenvolvido, o escolar pode ser atrelado à particularização das diretrizes para o planejamento, ou seja, como uma escola sistematiza e organiza o trabalho pedagógico e o planejamento de ensino, traz em si a

[...] singularidade na sistematização das intenções e estratégias relacionadas à operacionalização das determinações das instâncias maiores, ou seja trata-se do nível de planejamento mais diretamente vinculado à ação do professor com os alunos. (SACCOMANI, 2018, p. 287)

Partindo do pressuposto que o planejamento de ensino se concretiza na aula, pensar na qualificação do ensino, significa avaliar a respeito do que é ensinado e do que foi aprendido, das dúvidas e das contribuições apontadas durante as atividades

propostas, dos modos de interação e inclusive do silêncio, fatores que são indicativos para que o professor reveja o planejamento, seja para retomar alguns conteúdos ainda não apropriados ou para avançá-los, de modo a prosseguir com a complexidade do que deve ser ensinado. De acordo com Spricigo e Silva (2015), quando uma atividade é desenvolvida, diversos fatores são trazidos à baila que incluem desde o início da tarefa até a apropriação do conteúdo, o que ocorre por meio das ações realizadas. Assim, os autores indicam que a avaliação abrange todo processo de uma atividade desenvolvida

Na etapa de avaliação da atividade, por conseguinte, são desenvolvidas atividades de observação, monitoramento e controle dessa mesma atividade, tanto por parte do professor como do aluno, tendo como referência os objetivos que ambos buscam alcançar. A avaliação ocorre ao longo de todos os momentos da atividade e, portanto, cabe tanto ao professor quanto ao estudante acompanhar e controlar as diferentes formas de execução das ações que levam à assimilação dos conhecimentos e das habilidades (forma material, verbal e mental). (SPRICIGO; SILVA, 2015, p. 11).

A articulação entre o que se deve ensinar na educação escolar, à luz da Pedagogia Histórico-Crítica e considerando a importância da teoria da atividade, exige do(a) professor(a) uma postura que suplanta o ato de ministrar uma matéria ou conteúdo. Esse esteio teórico considera o professor como aquele que se posiciona, reconhece e se assume como intelectual comprometido com a classe trabalhadora e para tanto, requer que atitudes e hábitos provenientes do trabalho alienado sejam rompidos, o que equivale a dizer que, uma aula precisa ser avaliada com critérios pautados no conhecimento e na realidade concreta para que a avaliação subsidie os próximos encaminhamentos pedagógicos para a realização de objetivos visando a formação plena dos estudantes.

Ainda nessa concepção, pode-se apreender que para se transformar a educação, tal transformação passa pela revolução de cada professor, de tal maneira que busque superar a alienação docente, ao aprofundar os conhecimentos científicos de cada área e ao oferecer uma educação pública de qualidade. Nesse sentido, a revolução de cada professor acontece à medida em que ele mesmo se engaja, e rompe com as práticas automatizadas que não geram reflexões e portanto, que ao passar do tempo, perderam a prática de se avaliar como componente necessário para direcionar o processo de ensino. Pertinente se torna apontar que avaliar, dentro dessa



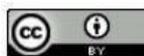
conjuntura é um meio de revolucionar processos, como a aula, que por vezes não são analisados e tampouco repensados, o que leva a repetir estratégias pouco eficazes para o aprendizado. Isso pode ser entendido que a revolução da educação também ocorre com a revolução da aula avaliada, e conseqüentemente redirecionada com fins à aprendizagem e a tomada de consciência.

### 3.1 Exemplificando a teoria

É na conjuntura da avaliação da aula, de modo consciente e coerente com o projeto político pedagógico de cada unidade e com os propósitos do planejamento para cada turma que a tomada de consciência é condição *sine qua non* para que as atividades docentes possam primar para a formação integral de cada ser humano. Nas palavras de Saviani e Duarte (2012, p. 27),

[...] a superação do trabalho alienado não se dá pela negação do trabalho ou pela busca de uma suposta essência reprimida no interior do indivíduo, mas sim pela transformação da atividade em relação consciente com o mundo resultante da objetivação histórica e social do gênero humano.

Para fins de exemplificação, tome-se o fato de que uma atividade de ensino se relaciona a algum objeto; pode-se então realizar o planejamento de ensino, detalhando-se no plano de aula qual é o objeto, ou seja, expressando-se a área científica que estuda e analisa tal conhecimento ou assunto. Na prática isso, ilustrativamente, poderia se realizar, buscando responder a algumas questões: o que preciso ensinar? Qual área fundamenta esse conhecimento? O que os estudantes já sabem e o que precisam saber? O que é mais difundido no senso comum? O que o conhecimento científico explica e fundamenta sobre esse fato ou fenômeno? Como será explicado aos educandos? Quais são os melhores recursos a serem utilizados? Quais questionamentos são importantes de se fazer? Que atividades propor e quais encaminhamentos propor? Como a avaliação será feita? Como se fará a recuperação contínua? Como reorganizar as estratégias para os estudantes que precisam de adaptação? Portanto, para se ensinar de modo sistematizado e intencional, defesa da Pedagogia Histórico-Crítica, a aula precisa ser previamente planejada e constantemente avaliada, defesa deste estudo.



Duarte (2019, p. 16) sintetiza todos os questionamentos apresentados, do seguinte modo: “o que ensinar? como ensinar?, por que ensinar?, a quem ensinar?” e enfatiza que tais perguntas impulsionam que as respostas sejam coerentes, ao afirmar que elas “precisam ser respondidas como partes interconectadas de uma mesma perspectiva pedagógica, política, científica e filosófica”. A intencionalidade do ensino também é destacada por Lima e Sekkel (2018, p. 407) quando se referem à promoção da atividade de estudo: “Isso posto, é possível destacar que, para que a atividade de estudo seja objetivada dentro da sala de aula, o ensino precisa ser intencional e conscientemente organizado com essa finalidade, ou seja, promover a atividade do estudante”.

Assim, em uma atividade escolar, seja ao planejar a aula ou ao executá-la, outro importante fator deve ser considerado: o processo. O processo de modo consciente compreende que desde o planejamento até a concretização da aula ministrada e apropriada pelos estudantes, tudo precisa ser pensado, questionado e analisado, o que equivale a dizer que a origem, a natureza do processo da atividade de consciência não pode ser descartada.

O estudo desenvolvido por Leontiev permite compreender que uma atividade específica, ou seja, uma atividade concreta é voltada e orienta-se para o objeto de uma necessidade. Destarte, elaborar e avaliar uma aula é também considerar como aquele objeto - a aula - a atividade daquele momento pode provocar uma necessidade de estudo em cada indivíduo, pois conforme o próprio pesquisador “é o objeto da atividade que lhe confere uma certa orientação” (LEONTIEV, 1980, p. 55). Para o autor, o objeto da atividade é o seu motivo. Portanto, ao realizar um planejamento de aula, há que se considerar de um lado, a atividade, o objeto e o motivo e, de outro lado, não se deve desconsiderar as influências do trabalho e das relações sociais que permeiam a vida humana.

#### 4 Considerações finais

Então, porque avaliar uma aula? Para responder a essa inquietação, outro questionamento pode ser apresentado: qual é a finalidade de uma aula? Se um dos objetivos gerais ou mesmo específicos de uma aula for promover o desenvolvimento do gênero humano, Leontiev (1980) adverte que a proposta elaborada precisa



considerar que “a atividade do homem é a substância da sua consciência” (p. 76), portanto, uma aula não pode ser um compilado não reflexivo de atividades descontextualizadas e sem sentido. Logo, se o professor realmente quer ensinar, precisa planejar efetivamente suas aulas e o meio de avaliá-las, ou seja, compreender o caráter daquilo que se faz e buscar clareza para entender como o pensado foi posto em prática, pois para Leontiev (1980) é com o estabelecimento de um fim que tanto o caráter da atividade como o método são determinados, uma vez que as ações são orientadas para um determinado fim, e havendo propósitos, o término ou a continuidade precisam ser avaliados.

Cabe reiterar que o professor precisa ter conhecimento científico daquilo que irá ensinar e, não somente apresentar um rol de folhas impressas aos estudantes ou indicar o número das páginas do livro didático e corrigir exercícios, às vezes se avalia tanto o desempenho dos estudantes, mas a aula não é submetida ao mesmo crivo. A aula envolve estrutura planejada que pode ser flexibilizada e por ser processo e movimento, depende da avaliação para que por meio de indicativos, receba investimentos orientativos de modo apropriado e possa realmente ser instrumento de transformação educacional, respaldada por condições objetivas de análise.

## Referências

BRASIL. **Leis de Diretrizes e Bases da Educação**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/559748> Acesso em 02/08/2020.

DUARTE, Newton. A catarse na didática da pedagogia histórico-crítica. **Proposições**. Campinas, São Paulo. v. 30, p. 1-23, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/1980-6248-2017-0035>

SPRICIGO, Fabrício; SILVA, Mariléia Maria da. Teoria da atividade e docência nos institutos federais: reflexões para debate. **Educação & Linguagem**. v. 18, n. 1, p. 1-19, jan./jun., 2015. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/EL/article/view/5537> Acesso em: 01 ago. 2020.

LEONTIEV, Alexis Nikolaevich. Actividade e consciência. In: MAGALHÃES-VILHENA, Vasco (org.) **Práxis**: a categoria materialista de prática social. v. 1. Lisboa: Horizonte, 1980.

LIMA, Cárita Portilho; SEKKEL, Marie Claire. A promoção da atividade de estudo: repercussões para a organização do ensino. **Psicologia Escolar e Educacional**,



São Paulo, v. 22, n. 2, p. 403-411, mai./ago., 2018. DOI:  
<http://dx.doi.org/10.1590/2175-35392018022105>

MENDES, Carolina Borghi; BIANCON, Mateus Luiz; FAZAN, Paulo Borges. Interloquções entre a Pedagogia Histórico-Crítica e a Psicologia Histórico-Cultural para o ensino de Ciências. **Ciênc. Educ.**, Bauru, v. 25, n. 3, p. 815-831, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/1516-731320190030010>

SACCOMANI, Maria Cláudia da Silva. **A importância da educação pré-escolar para o desenvolvimento da linguagem oral e escrita:** contribuições à luz da pedagogia histórico-crítica e da psicologia histórico-cultural. Tese (Doutorado em Educação) – Pós-Graduação em Educação Escolar, Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, 2018. Disponível em: [https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/157372/saccomani\\_mcs\\_dr\\_arafcl.pdf?sequence=3&isAllowed=y](https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/157372/saccomani_mcs_dr_arafcl.pdf?sequence=3&isAllowed=y) Acesso em 29 de jul. 2020.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia Histórico-crítica: primeiras aproximações.** 5. ed. Campinas: Autores Associados, 1995. 128 p.

SAVIANI, Dermeval; DUARTE, Newton. **Pedagogia Histórico-crítica e luta de classes na educação escolar.** Campinas, SP: Autores Associados, 2012.

---

i **Marisa de Souza Cunha Moreira**, ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-1622-2746>  
Doutoranda em Educação e Pedagoga (UNESP/ Rio Claro). Mestre em Educação pela UFSCar. Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisa em Representações, Alfabetização, Leitura e Escrita (GEPRALE – UNESP/ Rio Claro).  
Contribuição de autoria: Escrita do texto.  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6784589122251851>  
E-mail: [marisa.sc.moreira@unesp.br](mailto:marisa.sc.moreira@unesp.br)

ii **Andréia Osti**, ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-7605-2347>  
Professora da Universidade Estadual Paulista (UNESP) e credenciada ao Programa de Pós-Graduação em Educação. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Representações, Aprendizagem, Leitura e Escrita - GEPRALE (UNESP)  
Contribuição de autoria: Planejamento, adequação metodológica e revisão do texto.  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5060520291120371>  
E-mail: [andreia.osti@unesp.br](mailto:andreia.osti@unesp.br)

Como citar este artigo (ABNT):

MOREIRA, M. S. C.; OSTI, A. A aula em avaliação: uma análise à luz da pedagogia histórico-crítica. **Revista de Instrumentos, Modelos e Políticas em Avaliação Educacional**, v. 1, n. 2, p. e020009, 4 maio 2020. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/impa/article/view/3799>

